

Che Guevara e o Marxismo Latino-Americano: a crítica da Economia Política

Marcos Antonio da Silva¹

Guillermo A. Johnson²

Resumo

O presente trabalho analisa a contribuição de Che Guevara para o pensamento marxista na América Latina. Neste sentido, demonstra que para além do exemplo revolucionário, Che realizou uma contribuição fundamental para o desenvolvimento teórico do marxismo na região, faceta infelizmente ignorada. Com o trabalho de publicação do Centro de Estudos Che Guevara (Havana), sua contribuição teórica vem sendo conhecida e valorizada, permitindo uma ampliação sobre seu papel no trabalho revolucionário. Este artigo, a partir da análise dos “Apuntes Críticos a la Economía Política”, demonstra que Che Guevara se constitui em um autor fundamental para o desenvolvimento de um marxismo crítico, humanista e efetivamente latino-americano.

Palavras-chaves: América Latina; Marxismo; Che Guevara.

Che Guevara y el Marxismo Latinoamericano: la crítica de la Economía Política

Resumen

El presente trabajo analiza la contribución de Che Guevara para el pensamiento marxista en América Latina. En este sentido, busca demostrar que además de ser un ejemplo revolucionario, el Che realizó una contribución importante para el desarrollo teórico del marxismo en la región, aspecto hasta recientemente ignorado. Con el trabajo de publicación del Centro de Estudios Che Guevara (Habana), su contribución teórica viene siendo reconocida y valorizada, permitiendo una ampliación de la comprensión de su papel en el trabajo revolucionario. Este escrito, partiendo de análisis de los “Apuntes Críticos a la Economía Política”, busca afirmar que Che Guevara se constituye en un autor fundamental para el desarrollo de un marxismo crítico, humanista y efectivamente latino-americano.

Palabras claves: América Latina. Marxismo. Che Guevara.

Che Guevara and the Latin American Marxism: the critique of Political Economy

Abstract

This paper analyzes the contribution of Che Guevara to the Marxist thought in Latin America. It demonstrates that in addition to the revolutionary example, Che made a major contribution to the theoretical development of Marxism in the region, unfortunately an ignored dimension of his contribution. With the publication of his works by the Che Guevara Studies Center (Havana), his theoretical contribution has become known and valued, allowing an expansion in the understanding of its relevance. This article, based on an analysis of "Critical Notes on

¹ Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Foi professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) entre 2008-2011. Membro do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina).

² Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e do Mestrado em Geografia. Coordenador do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina) da mesma instituição.

Political Economy” demonstrates that Che Guevara is a fundamental author for the development of a critic, humanist and effectively Latin American Marxism.

Keywords: Latin America. Marxism. Che Guevara.

Introdução

No queremos, ciertamente, que el socialismo sea en América calco y copia. Debe ser creación heroica. Tenemos que dar vida, con nuestra realidad, en nuestro propio lenguaje, al socialismo indo-americano. He aquí, una misión digna de una generación nueva.

José Carlos Mariátegui

Ernesto “Che Guevara” marcou profundamente a história contemporânea e também o pensamento socialista na segunda metade do século XX. Apontado por Sartre como o “homem mais completo do século XX”, a ênfase em seu exemplo de vida não pode ocultar sua contribuição como pensador marxista e latino-americano. Sua atuação e algumas de suas proposições influenciaram, em grande medida, o pensamento e a ação de indivíduos e organizações políticas em todo o continente. No entanto, sua influência, realçada pelo ideal de mito revolucionário não faz juz, segundo nossa compreensão, à contribuição original e fundamental de Che para o desenvolvimento do pensamento marxista. A esse respeito, ao confirmar o assassinato de Che na Bolívia, o líder máximo da Revolução Cubana, Fidel Castro afirmou:

Y por eso les ha llegado a las generaciones futuras no solo su experiencia, sus conocimientos como soldado destacado, sino que a la vez las obras de su inteligencia. Escribía con la virtuosidad de un clásico de la lengua. Sus narraciones de la guerra son insuperables. La profundidad de su pensamiento es impresionante. Nunca escribió sobre nada absolutamente que no lo hiciese con extraordinaria seriedad, con extraordinaria profundidad; y algunos de sus escritos no dudamos de que pasarán a la posteridad como documentos clásicos del pensamiento revolucionario (MORO et al., 1998, p. 63-64).

O presente trabalho analisa (e busca divulgar) uma das contribuições de Che para o desenvolvimento do pensamento socialista na América Latina. Consideramos que, em geral, há um conhecimento parcial e insuficiente do protagonismo teórico desse autor. Isto é derivado das atitudes e ações de Che que são primordialmente associadas ao processo revolucionário cubano, em que se consolidaram duas interpretações. A primeira relaciona sua obra ao voluntarismo revolucionário, apontando para a possibilidade de mudanças a partir da ação de um pequeno núcleo guerrilheiro que desenvolveria as condições subjetivas e objetivas para a Revolução, a denominada “teoria do foquismo”, amplamente divulgada por Régis Debray no famoso texto “Revolução na Revolução” (1980). Esse texto foi inspirado na ação de Che. Entretanto, como apontou Fidel no discurso acima mencionado, ele não capta toda a sua originalidade e contribuição. Tal interpretação distorce, de certa forma, a importância e a atualidade do Che para o desenvolvimento do pensamento socialista no século XX em nosso

continente. A segunda enfatiza seu exemplo de vida e seu sacrifício como modelo de revolucionário e comunista, associando-os ao questionamento das burocracias estatais e partidárias, ao estímulo a novas atitudes frente à transição e à crítica ao determinismo econômico, em suma, como aponta Martinez (2006, p. 146):

Para los que hemos vivido en Cuba en el ciclo histórico donde el Che actuó; para los que Che significa el más alto escalón de revolucionario y el comunista; para los que hemos sido marcados por su ejemplo histórico y su magisterio moral [...] parecía imposible que Che pudiera sorprendernos aún más y hacerse admirar y respetar más aún.

Finalmente, deve-se considerar que grande parte do que Che elaborou teoricamente, considerando o que foi apontado por Heredia (1989) em um balanço preliminar realizado ainda nos anos 80, quando mais da metade dos seus escritos não haviam sido publicados, ainda precisavam vir à luz. Assim, consideramos fundamental conhecer e rever o estatuto teórico associado à sua imagem.

Para tanto, no presente trabalho analisaremos uma destas facetas, baseando-nos na sua obra, recentemente publicada e pouca conhecida no Brasil, “Apuntes críticos a La Economía Política”. O objetivo é demonstrar que, como teórico marxista latino-americano, Che desenvolve, além de uma crítica ao capitalismo, um combate e uma crítica ao socialismo então existente, fundamentando-se na realidade regional e nos desafios enfrentados pelo processo de transição em Cuba, contribuindo, portanto, para o aprofundamento da perspectiva comunista.

O marxismo latino-americano em seu labirinto

Conforme apontava Mariátegui (2001), um dos mais originais pensadores marxistas de América Latina, o marxismo na América Latina deveria se debruçar sobre uma realidade específica e construir, heroicamente, novos modelos analíticos e novas formas de intervenção para alcançar seus objetivos. Em suma, adaptar-se criativamente à nova realidade para modificá-la e modificá-la de maneira criativa.

Como apontam Ricupero (2000), Löwy (1999) e Fernet-Betancourt (1995), a relação do marxismo com a América Latina ao longo do século XX foi marcada, em grande medida, pela incompreensão e pelo desencontro. Tal desajuste ocorreu, de certa forma, pelo desencontro entre realidade e teoria. A América Latina (realidade) inúmeras vezes não se enquadrou na teoria (marxismo) e o Marxismo (teoria) não conseguiu captar os principais contornos da realidade (América Latina), provocando distanciamento, incompreensão e erros históricos. Ou seja, o pensamento marxista aplicado à realidade latino-americana baseou-se

(geralmente) numa cópia, pura e simples do que havia sido desenvolvido em outras latitudes sem se nacionalizar (ou regionalizar-se, para sermos mais exatos), o que dificultou seu potencial analítico e de atuação, tornando-se um fator explicativo de sua incapacidade revolucionária, mesmo em momentos e situações propícias³.

Como demonstra Löwy (1999), esse desencontro entre teoria e realidade conduziu a duas tentações opostas. De um lado, o excepcionalismo indo-americano que, ao absolutizar a América Latina (sua cultura, história, ou estrutura social) colocou em questão o próprio marxismo como produto da cultura europeia, tornando-a presa fácil do populismo. De outro, o eurocentrismo que, ao absolutizar determinado marxismo como conhecimento absoluto, propunha alcançar por etapas a redenção socialista, seguindo outros países. Como aponta o autor, “essas duas tentações são estritamente antagônicas e contraditórias, mas, paradoxalmente, levam a uma conclusão comum: a de que o socialismo não está na ordem do dia na América Latina” (LÖWY, 1999, p. 11).

Tal confronto, na verdade, sintetiza duas perspectivas distintas no que se refere à aplicação do pensamento marxista. De um lado, estão aqueles vinculados a uma visão localista que, ao destacar a especificidade da região, sacrificaram a construção do socialismo. De outro, estão aqueles que ao destacar o universalismo do pensamento marxista deixam de perceber a realidade e a potencialidade revolucionária do continente. No entanto, trata-se de um falso dilema com consequências trágicas para a atuação política dos grupos que os representavam. Nem o localismo, nem o universalismo poderiam superar a incompreensão inicial.

Desta forma, consideramos que somente os pensadores que, mantendo-se marxistas, souberam nacionalizá-lo ou regionalizá-lo, combinando a análise marxista com a realidade latino-americana, superaram tal dilema e produziram uma obra e/ou atuação originais e revolucionários, gerando impacto teórico e prático. Dentre eles, destacam-se Mariátegui, Caio Prado Júnior e Che Guevara, entre outros. Sua originalidade reside na superação dos falsos dilemas - localismo x universalismo; teoria x prática; marxismo x América Latina. Por isso, entre outras razões, a obra do Che merece destaque e tem grande relevância.

A crítica guevarista: contexto e fundamentos.

³Concordamos com Ricúpero (2000, p. 70) que aponta que tal desencontro derivou do fato de que a América Latina é tanto Ocidente como Oriente, ou seja, “O desencontro entre teoria e realidade é, na verdade, fruto da forma estranha, tanto à Europa como à Ásia, que assume a história latino-americana. Isso se dá por não ser possível encontrar um lugar confortável para nós, latino-americanos, na tradicional oposição entre Ocidente e Oriente, presença constante na consciência europeia desde a Idade Média”.

As análises de Sader (1981) e Löwy (1997), apesar de apresentarem, em linhas gerais, a importância e a contribuição de Che para o desenvolvimento do pensamento revolucionário na América Latina são limitadas, em nossa opinião, por uma dupla carência.

A primeira carência se deve ao fato de que não conseguiram captar e revelar a magnitude do pensamento de Che nem superar a ênfase em que ele teria sido essencialmente um homem de ação e não, como destacou Fidel, alguém que articulava pensamento e ação, teoria e prática. Dessa forma, a primeira das carências destas análises está em enfatizar a contribuição de Che para a prática revolucionária na realidade latino-americana na segunda metade do século XX, destacando seu voluntarismo, o foquismo e diversos aspectos que, na verdade, constituem-se em leituras insuficientes de sua atuação. Mesmo seu papel na tentativa de construção do socialismo cubano, como ministro, e seu debate sobre o processo de organização econômica do país é minimizado, se não ignorado. O debate, tão importante na época como ainda hoje, sobre os fundamentos do sistema econômico a ser adotado, entre aqueles que pressupunham estímulos materiais (seguindo o exemplo da ex-URSS) e os que, como Che apontavam para a necessidade dos estímulos morais como mecanismo básico para a construção do socialismo, é tratado de forma insuficiente nestas obras.

A segunda carência é resultado do contexto e do período em que foram publicadas (anos 80 e 90 do século XX). Somente nos últimos anos, devido ao trabalho do *Centro de Estudios Che*, em Havana, vieram à luz inúmeros textos e anotações fundamentais de sua autoria, realçando seu caráter de teórico do socialismo e do marxismo. Esses textos propiciam uma releitura de sua atuação e, acima de tudo, de sua contribuição para um profícuo encontro entre o pensamento marxista e a realidade latino-americana, sugerindo uma originalidade que não deve ser esquecida.

Nesse sentido, concordamos com Fernet-Betancourt (1995) e com Pericás (1998) que, ao analisarem o desenvolvimento do marxismo latino-americano, destacam que a Revolução Cubana foi o estopim para o processo de sua autonomia no continente, apesar das exceções anteriores.

Segundo Fernet-Betancourt (1995), a obra do Che combina, entre outros, três elementos que devemos considerar. Em primeiro lugar, a constatação de que o marxismo é um instrumental científico que deve ser percebido como um processo de conhecimento e não como um sistema fechado que apresenta, de antemão, todas as respostas. Dessa atitude deriva um elemento fundamental, segundo o qual marxismo não pode ser entendido como uma atitude dogmática. Trata-se da crítica a uma “dogmática fria” que impede o tratamento criativo dos problemas reais, conforme apontava: “o marxismo é apenas o fio condutor para a

atuação [...] Precisa-se atuar dialeticamente [...], utilizar-se do materialismo dialético, mas, em todo momento ser criativo” (GUEVARA, 1970, p. 372). Tal postura era resultado direto da experiência como dirigente e dos desafios enfrentados pela Revolução Cubana que os textos clássicos ou a experiência soviética não podiam contemplar.

Em seguida, sua ênfase no marxismo como fundamental para o desenvolvimento do humanismo revolucionário e como processo educativo. Dessa forma, Che recoloca no centro do marxismo o ser humano e a necessidade de desenvolvimento da consciência como fator primordial para a construção de uma sociedade comunista. Para ele, “o objetivo da humanidade só pode ser alcançado conscientemente”, resultando numa dialética da emancipação com o objetivo de libertar o ser humano (FORNET-BETANCOURT, 1995, p. 272-273). Finalmente, a crítica ao capitalismo e ao socialismo realmente existente. Nesse sentido, observamos que para Che o marxismo deve realizar a crítica do capitalismo, e também a do socialismo, em um processo de autocrítica capaz de possibilitar os avanços desejados. Daí a importância da crítica e do debate público sobre todas as questões do processo de construção do socialismo como método adequado para a construção de uma nova ordem social.

Estes aspectos confirmam as análises de Pericáz (1998) e, principalmente, de Lizárraga (2010), segundo os quais o projeto guevariano, apesar de constituir-se em algo inacabado, fundamenta-se na idéia de “novo homem” (*hombre nuevo*), demonstrando que a sociedade comunista proposta por ele resultaria do bem-estar aliado à consciência.

Nos últimos anos, as interrogações relacionadas à construção do socialismo adquiriram uma nova dimensão porque, antes de pensar os problemas de transição, tornou-se imperioso o desenvolvimento de outros elementos relacionados à capacidade de análise e de orientação do marxismo em prol da transformação social. Trata-se de problemas derivados da compreensão e da crítica ao capitalismo atual que possam, ao mesmo tempo, manter a essência dos clássicos do marxismo e propiciar uma leitura precisa e eficaz sobre o capitalismo contemporâneo, seu funcionamento e seus instrumentos de dominação e hegemonia burgueses. A esse desafio se deve acrescentar a necessidade de realizar um balanço crítico e consequente das experiências socialistas do século XX.

De outro lado, é preciso um debate que atualize e propicie a construção de uma mudança socialista, o que significa retomar e aprofundar a temática da Revolução, mesmo em seus termos clássicos - Revolução x Reforma -, resgatando a teoria revolucionária presente em Marx e realizando um *aggiornamento* com o mundo atual, apontando para os elementos e instrumentos que poderiam levar a uma ruptura com o capitalismo atual. Mesmo considerando

que se trata de dois desafios fundamentais, a análise da obra de Che pode, segundo nossa interpretação, responder parcialmente a outro problema fundamental desde o advento do pensamento socialista, que é a superação dos desafios do processo de transição uma vez alcançado o poder. De certa forma, é disto que trata a análise do Che sobre a economia política (capitalista e socialista).

A elaboração dos “Apuntes críticos a la economía política” (GUEVARA, 2006), texto que o Che pretendia desenvolver ainda mais, responde, em certa medida, à necessidade de superação de um marxismo dogmático consolidado em dois manuais produzidos na URSS e que procuravam estabelecer a interpretação oficial e adequada (verdadeira) da teoria e prática socialistas: o “Manual de Economía Política” (DIAMAT) e o “Manual de Materialismo Histórico” (HISMAT). Ambos foram produzidos nos anos 50, por membros da Academia de Ciências da URSS, e procuravam substituir “O Capital” de Marx, apresentando também uma análise da economia política madura do socialismo, ou seja, do comunismo que a liderança soviética afirmava estar alcançando.

A crítica do Che, baseada no rigor científico e na honestidade intelectual, traços essenciais para se pensar a aplicação do pensamento marxista fundamentava-se em que:

[...] nos hemos hecho el firme propósito de no ocultar una sola opinión por motivos tácticos, pero al mismo tiempo, sacar conclusiones que por su rigor lógico y altura de miras, ayuden a resolver problemas y no contribuyan solo a plantear interrogantes sin solución. Creemos importante la tarea porque la investigación marxista en el campo de la economía está marchando por peligrosos derroteros. Al dogmatismo intransigente de la época de Stalin ha sucedido un pragmatismo inconsistente. Y lo que es trágico, esto no se refiere solo a un campo determinado de la ciencia; sucede en todos los aspectos de la vida de los pueblos socialistas, creando perturbaciones ya enormemente dañinas, pero cuyos resultados finales son incalculables (GUEVARA, 2006, p.53).

Che analisa, então, o texto completo do Manual que, basicamente, era dividido nas seguintes seções: “O Objeto da Economía Política” (Cap. I); “A Economía Política do Capitalismo (Caps. II a XIX); “A Economía Política do Socialismo” (Caps. XX a XXXII), elogiando os avanços que pareciam ocorrer na sociedade soviética.

Fundamentalmente, a crítica de Che sustentar, segundo Martinez (2006, p. 148), que:

Veinticinco años antes de la desaparición de la URSS y la caída del muro de Berlín, Che apreció el proceso de restauración capitalista impulsado por la superestructura saturada de ideas mercantiles y expectativas consumistas. De su análisis se derivaba la falsedad del mito manualesco sobre la irreversibilidad del socialismo una vez establecido, y la suprema lección de que es la conciencia- si se educa y se alimenta con valores de solidaridad - y no en el estímulo material de los humanos donde el socialismo puede hacerse irreversible.

Sendo assim, encontramos em “Apuntes críticos a la Economía Política”, uma grande quantidade de observações e críticas que realizam um balanço perspicaz sobre esta

experiência e demonstram como o marxismo pode, e deve, ser aplicado criativamente, inclusive para repensar as experiências socialistas.

Elementos que contribuem para a crítica

Dentre as análises e observações apontadas por Che que demonstram a necessidade de olhar criticamente, contrapondo os clássicos do marxismo e a realidade das sociedades capitalista e socialista ao texto manualístico, destacamos alguns elementos, considerando que tal texto se destaca não apenas pela visão antecipada do que viria a ocorrer na URSS, mas também pela aplicação de um marxismo crítico, inclusive da experiência socialista.

No que se refere ao capitalismo, objeto da primeira parte do Manual e da análise do Che, ele questiona inúmeros aspectos e dados tomados como verdades por uma determinada interpretação do marxismo que, segundo ele, nem sempre corresponde à realidade e a análise objetiva. Por exemplo, em relação à crença de que o desenvolvimento do capitalismo aumenta a coesão e favorece a organização e a consciência da classe operária Che afirma que: “está dentro del marxismo ortodoxo en la forma, pero choca con la realidad actual. La clase obrera en los países imperialistas aumentarán en cohesión y organización, pero no en conciencia, a menos que se le de ese nombre a la conciencia de formar parte de los explotadores” (GUEVARA, 2006, p. 61). Além disto, Che analisa e critica o conceito de “capitalismo agonizante”, tão em voga ontem como hoje, afirmando que “hay que tener cuidado con afirmaciones como esta [...] el sistema capitalista llega a su madurez total con el imperialismo, pero ni siquiera este ha aprovechado al máximo sus posibilidades en el momento actual y tiene una gran vitalidad” (GUEVARA, 2006, p. 83-84). Finalmente, sobre o socialismo como destino final da humanidade e o processo de crise e superação do capitalismo, Che aponta que isto não ocorreria “sin lucha, que se demuestre lo contrario” (GUEVARA, 2006, p. 90). Em suma, Che questiona a análise dogmática do capitalismo e a incapacidade de perceber novos fenômenos e abordagens, enfatizando que a realidade é fundamental para uma análise adequada e consequente.

No que se refere à análise do socialismo (ou do comunismo como propunha o Manual) destacam-se novos aspectos do pensamento guevarista. Sobre a afirmação do Manual de que o setor socialista elevou de forma constante a produtividade do trabalho, Che afirma que “esto es una barbaridad; esa es la tendencia que mueve al capitalismo desde hace siglos” (GUEVARA, 2006, p. 103). Sobre a crença de que o socialismo havia triunfado plenamente e definitivamente, ele aponta que: “las últimas revoluciones económicas de la URSS se

asemejan a las que tomo Yugoslavia cuando eligió el camino que la llevaría a un retorno gradual hacia el capitalismo (...) Así se llega a un sistema híbrido que arriba a un callejón sin salida o de salida difícilmente perceptible, es decir al retroceso” (GUEVARA, 2006, p. 113). Ao discutir a Nova Política Econômica (NEP), que havia marcado um momento fundamental da construção do socialismo soviético e implicava a restauração de elementos capitalistas que foram incorporados à doutrina do país, Che apontava que “la NEP ha calado tan hondo en la vida soviética que ha marcado con su signo toda esta etapa y sus resultados son desalentadores: la superestructura capitalista fue influenciando cada vez más de forma más marcada las relaciones capitalistas” (GUEVARA, 2006, p. 110).

Sua análise sobre o socialismo é permeada pela definição de que “conciencia más producción de bienes materiales es comunismo” (GUEVARA, 2006, p. 13)⁴, afirmação que, de muitas maneiras, sintetiza o pensamento do Che, enfatizando que todo processo de transformação social e de construção do socialismo deve aliar o bem-estar (que pode ser alcançado no capitalismo) com a consciência (que só pode ser alcançada no socialismo). Isto é, em grande medida, o traço distintivo que pode recolocar o socialismo como referência para as lutas emancipatórias neste século. Em suma, trata-se de um trabalho, ao mesmo tempo, instigante e promissor.

Conclusão

O presente trabalho procurou destacar uma das facetas menos conhecida e analisada de um dos grandes nomes da teoria e prática socialista do século XX. Desta forma, destacamos que Che Guevara, para além de um revolucionário romântico, deixou contribuições significativas para o processo de conquista do poder e de transição rumo ao socialismo, tornando-se, portanto, um dos teóricos mais significativos para se pensar a construção do socialismo na América Latina. Esta contribuição, alicerçada em uma postura metodológica e no compromisso intelectual e político, tornam a análise de seus apontamentos críticos um aporte necessário para que, como afirma Martínez (2006), se transformem em uma arma político-intelectual de alta eficácia para contribuir ao combate do imperialismo e contra o egoísmo e a complacência que devemos superar.

⁴ Reafirmando algo que afirmava em outro momento: “El socialismo económico sin la moral comunista no me interesa. Luchamos contra la miséria pero al mismo tiempo luchamos contra la alienación. [...] si el comunismo descuida los hechos de conciencia puede ser un método de repartición, pero deja de ser una moral revolucionária” (GUEVARA, 1970, p. 55)

Referências

- MORO, Aleida et al. (Comps). *El Che en Fidel Castro: selección temática 1959-1997*. La Habana: Editora Política, 1998.
- DEBRAY, R. *A revolução na revolução*. São Paulo: Centro Ed. Latino Americano, 1980.
- FORNET-BETANCOURT, R. *O marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1995.
- GUEVARA, E. CHE. *Obras escogidas* (2 tomos). La Habana: Casa de las América, 1970.
- _____. *Apuntes críticos a la economía política*. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 2006.
- HEREDIA, F. M. *El Che y el socialismo*. La Habana: Casa de las Américas, 1989.
- LIZÁRRAGA, F. Marxismo, justicia y la mirada del Che. In: ARAÚJO e AMADEO, C. J. (Orgs.). *Teoria política lationamericana*. Buenos Aires: Luxemburg, 2010, p. 199-221.
- LÖWY, M. *O pensamento de Che Guevara*. São Paulo: Expressão Popular, 1997.
- _____. (Org.). *O marxismo na América Latina*. São Paulo: FPA, 1999.
- MARIATEGUI, J.C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Biblioteca Amauta/Ediciones populares, 2001.
- MARTÍNEZ, O. Comentários sobre apuntes críticos. *Revista Casa de las Américas* n. 244, p. 146-150, jul.-sep. 2006.
- RICUPERO, B. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SADER, E. (Org.). *Che Guevara*. São Paulo: Ática, 1981.
- SARTRE, Jean-Paul. *Furacão sobre Cuba*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1986.
- PERICÁZ, L. B. *Che Guevara e o debate econômico em Cuba*. São Paulo: Xamã, 2004.
- _____. Che Guevara e o homem novo. In: Coggiola, O. (Org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 95-112.